

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE

Ricardo Sérgio Nascimento Rosas

Futebol, Literatura e Sociedade em Desporto-Rei, de Romeu Correia

Recife

2019

Ricardo Sérgio Nascimento Rosas

Futebol, Literatura e Sociedade em Desporto-Rei, de Romeu Correia

Artigo solicitado no contexto da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ministrada no curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol da UFRPE. Trabalho elaborado sob a orientação do professor Antony Cardoso Bezerra.

Recife

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

R789f Rosas, Ricardo Sérgio Nascimento
Futebol, literatura e sociedade em Desporto-Rei, de Romeu
Correia / Ricardo Sérgio Nascimento Rosas. – 2019.
20 f.

Orientador: Antony Cardoso Bezerra.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Letras, Recife,
BR-PE, 2019.

Inclui referências.

1. Neo-realismo 2. Futebol 3. Portugal - Política e governo –
4. Literatura Portuguesa 5. Correia, Romeu, 1917-1996
I. Bezerra, Antony Cardoso, orient. II. Título

CDD 469

FUTEBOL, LITERATURA E SOCIEDADE EM DESPORTO-REI, DE ROMEU

CORREIA¹

Ricardo Sérgio Nascimento Rosas²

RESUMO: O romance neorrealista, talvez mais que outras formas de expressão literária, não se alheia aos problemas da conjuntura histórica em que foi produzido. Considerando-se essa premissa, é investigado o romance **Desporto-Rei** (1955), em busca de desvendar como o seu autor, o escritor Romeu Correia, abordou uma questão-chave de seu mundo: o abandono da prática — dita saudável — do futebol como esporte amador, em benefício de se transformar num instrumento de crescimento financeiro; e em que nível interesses políticos comandados por António Oliveira Salazar, que governou Portugal entre 1932 e 1968, influenciaram no desenvolvimento do esporte. Recorrendo-se a estudos de Antonio Candido (2005) sobre a relação da literatura com a sociedade e sobre a personagem na ficção; da narratologia de Mieke Bal (1998); bem como sobre a situação histórica de Portugal e, especificamente, do futebol e sua relação com os estrangeiros — de Neill Lochery (2012) e Ricardo Serrado (2009) —, é analisada a narrativa em sua inserção histórica.

PALAVRAS-CHAVES: Neorrealismo; Romeu Correia; Futebol; Estado Novo;

RESUMEN: La novela neorrealista, tal vez más que otras formas de expresión literária, no se ajena a los problemas de la conyuntura histórica en la que fue producido. En vista de esta premisa, se investiga la novela **Desporto-Rei** (1955), en búsqueda de desvelar cómo su autor, el escritor Romeu Correia, abordó una cuestión clave de su mundo: el abandono de la practica - dicha sana - del fútbol como deporte aficionado, en beneficio de se convertir en un instrumento de crecimiento financiero; y en que nivel intereses políticos comandados por António Oliveira Salazar, que ha gobernado Portugal entre 1932 y 1968, influenciarón en el desarrollo del deporte. Recuriendose a estudios de António Candido (2005) sobre la relación de la literatura con la sociedad y sobre el personaje en la ficción; de la estructuras de la narrativa por la narratologista Mieke Bal (1998); bien como sobre la situación histórica de Portugal y, especificamente, del fútbol y su relación con los extranjeros - de Neil Lochery (2012) y Ricardo Serrado (2009) -, es analisada la narrativa en su inserción histórica.

PALABRAS CLAVE: Neorrealismo; Romeu Correia; Fútbol; Estado Novo;

¹ Artigo solicitado no contexto da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ministrada no curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol da UFRPE. Trabalho elaborado sob a orientação do professor Antony Cardoso Bezerra.

² Graduando do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol da UFRPE. Email: ricardoserjio1919@hotmail.com.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Autor pouco estudado no quadro literário português, Romeu Correia apresentou aos leitores portugueses uma obra que possui relativa expressão. Por meio de diversos gêneros, o ficcionista deu conta das problemáticas cruciais de seu mundo, muitas delas vivenciadas no horizonte imediato do autor.

Estreando nos meios literários por meio de uma compilação de contos, intitulada **Sábado sem Sol** (1947), Correia tem a sua produção centrada no âmbito do Neorrealismo, movimento estético que teve prevalência no contexto português dos anos 1940 e 1950, espalhando-se por momentos posteriores. Considerando esse quadro, a presente investigação se propõe a averiguar uma obra que, conforme indicado, figura o universo imediato das experiências vivenciais e vicárias de Romeu Correia: **Desporto-Rei** (1955). Nesse sentido, a obra aqui é lida naquilo em que se relaciona à conjuntura histórica em que foi escrita.

O romance investigado consiste numa denúncia de um processo percebido por Correia, ocorrido em meados do século passado: a profissionalização do futebol, em face das intervenções estatais no desenvolvimento do esporte. Nele, é permitido o acompanhamento da semana antecedente a uma partida decisiva, onde um pequeno clube irá jogar a partida de sua vida, levando-o ou não, à primeira divisão nacional. A narrativa gira em torno desse ato, mostrando através das personagens as problemáticas que eram criadas naquele momento no esporte: a profissionalização em face do amadorismo e a utilização de jogadores estrangeiros por julgar que fora do país se praticava um bom futebol.

Diante da tarefa que se assume neste artigo, se faz necessário dividir a exposição aqui feita de maneira que não se dissocie a análise literária dos fatos históricos trazidos para iluminar a leitura do romance. Desta feita, propõe-se: uma caracterização do perfil de Romeu Correia; uma breve explanação do que o autor retrata em **Desporto-Rei**; e uma leitura do texto literário em face dos elementos históricos que possivelmente influenciaram no desenvolvimento da fábula.

2 PERFIL DE ROMEU CORREIA

Romeu Correia foi um escritor que, conforme se pode verificar em sua obra, alcançou um ponto que ainda não havia sido tocado pelo Neorrealismo português. Isso se deve ao fato de que, diferentemente dos seus contemporâneos, ele não ia atrás dos temas pois eles faziam parte da sua vivência. Chamado de populista e até de mais contador de histórias do que de ficcionista, a exemplo do que fez o crítico literário João Gaspar Simões, após ler um dos romances de Correia, o escritor em foco, em seus contos, romances e peças de teatro, revelam que a sua ligação com o povo ia mais além do que apenas um ato de descrever a realidade. Conhecedor de diversas profissões, esteve sempre próximo ao povo e rechaçando a alcunha de neorrealista, pois temia que pensassem que ele imitava ou, ao menos, se inspirava diretamente em nomes já consagrados da nova corrente. Quanto ao populismo, o combatia, pois julgava ter o valor de verdade humana da sua obra reduzido sob esta definição.

Com efeito, a sua estrita ligação com o povo poderá ser vista por toda a sua obra, em que Romeu transmitia uma visão da realidade sem precedentes, pois era o olhar de alguém que, acima de tudo, era conhecedor da intimidade trágica do povo, pois de lá saía.

O referido autor, nascido em Almada, Portugal, no ano de 1917, teve uma vida conturbada, decorrência de acontecimentos familiares que influenciaram no início e meio de sua vida. Sem frequentar os meios literários e de condição social modesta, consiste, hoje, num neorrealista quase esquecido. Foi contemporâneo de um quadro político em que as classes mais baixas não dispunham de muitas alternativas para sua subsistência: o Estado Novo.

Logo cedo, buscou refúgio no envolvimento com algumas práticas esportivas, de modo que chegou a representar o Sporting Club de Portugal em competições de atletismo. Seguiu ligado ao esporte por um longo período, sendo, inclusive, treinador de sua esposa. Essa ligação com a prática esportiva foi o que, de certo modo, fez com que, em seus escritos, não se limitasse ao que era mais usual dentro da Literatura de seu horizonte: a caracterização do trabalho camponês/proletário e a ênfase na coletividade, em detrimento dos desvãos individuais. Exemplo dessa amplificação temática de Correia está num romance como **Desporto-Rei** (1955), em

que trata, basicamente, de um clube de futebol. Mas, ainda assim, o autor não deixa de patentear sua visão denunciadora, buscando retratar as influências políticas e sociais no desenvolvimento do esporte.

Ao falar sobre Romeu Correia, Alexandre Castanheira afirma:

Trata-se de um escritor que traz para os seus contos uma experiência vivida [...], que conhece perfeitamente o seu assunto, que não travou conhecimento de cima, como escritor, com o caderno de notas em seu punho, mas que o foi conhecendo dia a dia, até que ele se lhe impôs a ponto de o reduzir a escrito. (CASTANHEIRA, 2009, p. 127-128.)

Ainda segundo Alexandre Castanheira, o que fazia alguns aplaudirem ou diminuírem a sua obra era o fato de que um mero empregado bancário conseguisse se posicionar de maneira corajosa em uma corrente literária que não só não aceitava o regime e o governo ditador, como retratava a vida real dos homens portugueses.

Sua estreia na literatura se deu por meio de um livro de contos, intitulado **Sábado sem Sol**, tendo todos os seus lucros destinados às bibliotecas da Incrível e da Academia Almadense, dois clubes sociais da cidade natal do autor. Na introdução do livro, encontra-se o que pode ser considerado o motivo do projeto literário do Romeu Correia:

[...] testemunhar os problemas sociais, os conflitos de classe, os dramas humanos, revelando e condenando o mundo injusto e contraditório que nos rodeia e oprime, é a função primeira do contador de histórias. Foi o que fiz. Com alguma ficção, para não irritar os patrícios, distanciei-me dos primitivos modelos utilizados, concluindo o meu livro no ano seguinte. (CORREIA *apud* FLORES, 1987, p. 73-74.)

Mas se pode dizer que falhou no objetivo de não irritar os patrícios, como ele mesmo diz no prefácio supramencionado. Seu primeiro livro, **Sábado sem Sol**, chegou a ser apreendido pela polícia política portuguesa e, posteriormente, o seu romance **Troço Azul**, que tratava da vida das costureiras dos macacões de ganga azul, que vestiam os operários de Almada, foi rechaçado inclusive pelo povo, na voz das próprias costureiras, que se revoltaram ao ter a própria exploração denunciada.

Porém, por mais que o próprio Romeu negasse, por motivos já mencionados, podemos afirmar sobre a sua obra, o que Alexandre Pinheiro Torres diz sobre o Neorrealismo:

Nas suas obras [nas dos neorrealistas] vibra a força do protesto contra os desacertos dum mundo e se revela a coragem de humanamente conceber e aceitar um mundo mais ousado, pelo que se torna caberem só entre elas as

que reflectem esse protesto – caminho que se abre – ou as que se projetam nesse caminho concebido, onde já não darão lugar aos problemas da arte pela arte ou arte pela vida, pois que lá serão arte do mundo a que pertencem [...]. Estas obras, embora sejam acentuadamente sociais, não deixam também de conseguir também objetivo estético, porquanto o que nos autores foi querido pela inteligência existiu antes na sensibilidade poderia traduzir-se em emoção. (TORRES, 1983, p. 19.)

O movimento neorrealista, embora tivesse alguns embates quanto a relação da literatura com a arte, manteve desde o início uma postura de denúncia dos problemas humanos. Todas as concepções políticas que influenciavam a vida portuguesa, no conturbado período do Estado Novo, foram o pontapé inicial para o movimento, que não deveria limitar-se apenas ao conteúdo, ignorando a forma.

Neste sentido, Romeu Correia também deveria ter seu lugar ao sol no quadro neorrealista português, visto que mesmo tendo declaradamente o intuito de denunciar as explorações humanas, não deixou de lançar mão da literariedade em seus escritos, sejam contos ou romances.

3 DESPORTO-REI

O romance **Desporto-Rei**, inegavelmente, reflete a forte ligação do autor com os esportes. Além disso, também aponta para as suas preocupações com a sociedade portuguesa, pois, mesmo sendo um opositor ao regime ditatorial vigente, em algo Romeu Correia se aproximava de Salazar: a prática esportiva deveria servir ao povo com a finalidade de alimentar o bom condicionamento físico, mental e o comportamento perante a sociedade.

Na qualidade de um bom observador, Correia percebeu um processo que estava ocorrendo em Portugal: a profissionalização do futebol. O temor era que o esporte deixasse de ser evidenciado como uma atividade saudável e entrasse no caminho que o levaria a se tornar numa mercadoria, capaz de beneficiar as indústrias, servindo apenas como um instrumento de alienação para as massas. Segundo Flores (1987), em **Desporto-Rei**, Romeu Correia recria, por meio da diversidade psicológica dos personagens, um mundo ainda não explorado nos meios literários: como se comportam perante os debates e como se dão as suas paixões, mesmo que no restrito ambiente futebolístico.

Assim, é perceptível e possível afirmar que, no romance, Correia parte da sua realidade e, no escopo da literatura, figura quadros do que se passou em Portugal, entre o início do século passado e meados dos anos 1950. Neste caso, a relação do futebol com a política e a perda de seu caráter amador, deixando de lado o espírito de um esporte saudável, convertendo-se num instrumento alienante.

Conforme entende o historiador Hayden White (2008), os relatos narrativos — ficcionais ou históricos — não consistem apenas em afirmações factuais (proposições existenciais singulares) e argumentos, mas também em elementos retóricos e poéticos pelos quais o que seria uma lista de fatos se converte numa construção histórica, priorize ou não a dimensão literária. Inserindo o autor em estudo nessa condição, pode-se afirmar que Correia lançou mão de elementos retóricos e, quiçá, poéticos, para a construção da sua narrativa. Narrativa que, por sua vez, tem como chave o perfil das personagens e a sua elaboração, pois é através delas que se pode perceber por onde e como acontecem as relações denunciadas pelo autor.

A interface entre História e discurso ficcional, assim, nos faz recorrer a algumas concepções de leitura do texto literário que permitam compreender um romance dessa envergadura, como o que Antonio Candido (2006) afirma sobre a relação que o texto literário possui com os elementos ditos externos. Segundo ele, o elemento social se apresenta como um dos elementos que interferem no desenvolvimento do livro. Sendo assim, deve ser analisado como parte da estrutura, assim como a personagem, o tempo, o espaço e a narração.

A fábula de **Desporto-Rei** se passa em Vila Clara, onde um clube está às vésperas de disputar o acesso à primeira divisão: contempla-se a semana anterior à partida e o seu desenlace. Partindo do que Mieke Bal (1998) discute acerca do tempo na narrativa, percebe-se que, em **Desporto-Rei**, por se abordar, no fluxo principal da narrativa, um curto lapso, constitui-se um momento de crise: nesse caso, a detecção do processo em curso, a fim de mostrar as suas problemáticas mais evidentes.

Os dirigentes da agremiação não passam de comerciantes e pessoas influentes da localidade, que visam a utilizar o futebol como meio de autopromoção. Alexandre Flores, em oportuna afirmação, sinaliza em linhas gerais o plano português que o romance aponta: enquanto os desportos puros de amadorismo

saudável — ginástica, atletismo, basquetebol, etc. — são postos à margem, só o futebol profissionalizado se transforma em doença regional e fonte de intrigas e disputas locais (FLORES, 1987, p. 63-64).

Nos tempos que correm, uma progressiva vila da província não ter o *team* de honra de um clube a disputar o campeonato de futebol da 1.^a divisão — é motivo de pesar e até de certa contrariedade. [...] Não faz sentido. Boa posição no comércio, Indústria florescente, e abundância de belezas naturais, que são o engodo dos turistas — impõe-se, por legítimo direito de conquista, que tenha um lugar, na próxima época, no campeonato principal. (CORREIA, 1955, p. 7.)

O espaço do concelho de Vila Clara, ambiente fictício, é descrito pela narração como um propício para a mudança de patamar do clube e também do esporte: a saída da condição de atividade que não traz lucro financeiro, para se tornar num negócio frutífero ao comércio local. Assim, os personagens situados neste espaço, que é o seu ponto de percepção, ao observá-lo, reagem perante ele.

— Quem é você, Carvalho? — E respondeu pelo outro: — um industrial, dono da “Moagem Boa Nova”; enfim, um tipo de massa que nunca praticou desporto... E é o presidente da direcção. — Apontou para o Joaquim Campino: — E você? Tem quatro talhos, salsicharias, etc. Tradições desportivas... nenhuma... E é o vice-presidente. — Coube a vez ao Valentim: — Aqui o nosso tesoureiro... Padarias, prédios, herdades. Era ainda há dois anos um inimigo do futebol!... [.] — É ou não é verdade que meia dúzia de ricos se assenhoreou do clube desportivo? (CORREIA, 1955, p. 77.)

A narração se debruça sobre eventos historicamente inscritos por meio do filtro da ficção; ou seja, desenvolve-se em uma medida em que o narrador se converte num manipulador da função narrativa. Aliando os fatos históricos à fábula relatada no romance, percebe-se que a eleição dos acontecimentos utilizados para caracterizar as personagens que compunham a direcção do clube se deu no eixo da denúncia, com o abandono do que se entendia por boas práticas do desporto saudável, em benefício da massificação do futebol, visando apenas ao retorno financeiro. Cada oração se inicia com um questionamento sobre a posição de cada um quanto ao desporto e cada qual, com a sua função deveras distante do meio futebolístico, já se entregava quanto aos seus interesses.

A profissionalização do futebol, no período histórico do romance, era um processo em marcha, inevitável no espaço português. Porém, como poderemos avaliar a partir da obra literária e de alguns elementos históricos, tal processo foi retardado deliberadamente. Chegou-se, assim, ao desvirtuamento do espírito desportivo na medida em que o esporte foi se desenvolvendo.

3.1 Estado Novo e o Futebol

Conforme já mencionado, Correia foi contemporâneo do Estado Novo, regime político totalitário que, apesar de alguns avanços na área econômica e diplomática, não oferecia boas condições de vida às classes mais baixas da sociedade portuguesa. Salazar, que, inicialmente, era apenas ministro das finanças, após um período em que se dedicou a reformas no quadro econômico português, foi indicado a comandar o país, assumindo a função de presidente do conselho.

Neill Lochery (2012), ao compor o perfil de Salazar, afirma que, mesmo com sucessos em suas jogadas econômicas, os trabalhadores da agricultura e da indústria não se sentiam beneficiados. Juntando a isso a sua imponente forma de expor sua ideologia, fez com que essa parte da população se tornasse a oposição ao seu regime, se aliando principalmente a ideais comunistas, de viés soviético.

Uma das características dos regimes ditatoriais é lançar mão de alguns mecanismos para propagar os seus ideais. Seguindo essa lógica, com Salazar, não foi diferente. Em junho de 1940, por exemplo, inaugurou a Exposição do Mundo Português, que tinha, precisamente, o intuito de entreter a população durante o período crítico causado pela Segunda Guerra e enaltecer o papel histórico de Portugal no mundo. Teatro e cinema são outro exemplo disso, como também os esportes, que influenciavam a consciência de uma cultura física e o amadorismo em geral.

Assim como se deu com boa parte dos países do Ocidente, o futebol chegou a terras lusas das últimas décadas do século XIX ao início do século passado, através de estudantes que haviam chegado da Inglaterra com uma bola, ávidos por mostrar o que tinham conhecido no Reino Unido. O que hoje vemos como uma grande manifestação cultural, por vezes tomando lugar de destaque funcionado como a marca de um povo, o que traz orgulho a uma nação, costumou não ser assim — nem de longe — em seu início.

Caminhando num sentido oposto ao dessa ideia, o ditador pensava, em verdade, que o futebol se apresentava como um caminho propenso ao desvirtuamento da população. A exemplo da comédia, que ele repudiava no cinema, o futebol agia como um potencializador de certos comportamentos que não faziam

parte dos ideais propagados pelo regime. Com isso, trabalhou fortemente contra a profissionalização do futebol em terras portuguesas. Isso explica o porquê do tardio desenvolvimento do futebol em comparação com países que o fizeram antes.

Inicialmente praticado pela camada mais abastada da sociedade, o futebol perde essa característica em Portugal pelo fato de que poucos recursos são necessários para a sua prática. A partir dessa consciência, começa a sua expansão. O que de fato acontece é que, para o Regime, qualquer desporto só deveria ser difundido se, em sua prática, fossem valorizados e desenvolvidos aspectos que estivessem relacionados a desenvolver saúde, beleza, força, destreza, resistência, disciplina, etc. Em face disso, o profissionalismo surge para corromper o espírito e a funcionalidade original do desporto.

O Estado Novo, em 1942, oficializou a proibição da prática profissional do futebol. A essa altura, conforme outros regimes ditatoriais, o Salazarismo previa a atividade esportiva como motivo de doutrinação e educação para o serviço militar, a fim de defender a raça lusitana utilizando suas habilidades físicas e mentais. Com isso, por mais que houvesse jogadores que já recebessem alguma quantia mais avultada, as condições para um bom desenvolvimento do desporto seguiam precárias. O que resultava em, no mínimo, jogadores que precisavam dividir a sua vida entre os treinos e jogos e qualquer outra profissão fora dos campos. Consequentemente, o esporte não possuía um bom rendimento físico, técnico, tático e mental, em comparação com qualquer país que já houvesse posto em prática a profissionalização efetiva.

Porém, conforme afirma Ricardo Serrado (2009), o que vem após esse momento é de crucial importância para o desenvolvimento do futebol português. Na década de 1950 é que se dá o pontapé inicial para a revolução no mundo da bola no país ibérico: são os anos da profissionalização que há muito se esperava da construção de grandes estádios, das mudanças táticas mais competitivas bebendo das fontes dos países europeus já mais desenvolvidos no esporte e, daí, nasceram os anos dourados do futebol português, horizonte que é apontado por Romeu Correia em **Desporto-Rei**.

Quando da intervenção do País na Grande Guerra, o gosto pela prática do futebol afroixou, chegando mesmo quase mesmo a dissipar-se; mas, após o Armistício, o entusiasmo ressurgiu como nunca. E assistiu-se a um incremento espantoso da modalidade. Fundaram-se clubes por todo o

concelho e organizaram-se torneios, em jornadas semanais, de assanhada rivalidade. (CORREIA, 1955, p. 86.)

O tratamento oferecido por Correia no romance sinaliza que, por mais que houvesse investidas contrárias por parte do governo, as quais ocorreram por um período considerável, não foram suficientes para evitar o avanço do futebol, mesmo com a sua “assanhada rivalidade”. Pela ausência de necessidade de grandes aparatos para a sua prática, a semente do futebol, já plantada, apenas esperava o tempo necessário para a sua proliferação devida.

3.2 O Estado Novo e os Estrangeiros

Segundo Serrado (2009), efetivamente, não há nenhum indício de que Salazar tenha utilizado, apoiado ou estimulado o futebol, mas pode-se concluir que, no que a esse esporte diz respeito, “condenou-o moralmente, afastou-se dele, atrasou-o. E fê-lo pela simples razão de que desporto e espetáculo eram conceitos e ideologias incompatíveis no Estado Novo.” (SERRADO, 2009, p. 81.) Nesse sentido, o historiador aponta para um caminho diverso do que o senso comum parece pensar.

O que aconteceu, de fato, foi que a política de Salazar, além de excluir o futebol de seus ideais de desporto, também inibiu o seu crescimento, que estaria no intercâmbio sistemático com outras fontes. Em 1939, Salazar lançou a Circular 14, que impunha critérios muito rígidos para permitir a entrada de estrangeiros no país. Tratava-se de mais um procedimento de proteção, mediante as ameaças da Segunda Grande Guerra. Nem por isso, dado o retardo na profissionalização, o futebol português deixou de recorrer aos estrangeiros em busca de qualidade técnica e física, por serem profissionais de países que, havia bastante tempo, profissionalizaram o esporte. Em **Desporto-Rei**, Romeu Correia mostra, por meio de personagens estrangeiras (um técnico austríaco e dois jogadores argentinos que ganhavam como profissionais), e da estrela jovem do time, a personagem Amílcar, (por ser local, ganha menos e sentia um certo despeito) uma ilustração do quadro de tensões em que então se encontrava o futebol português.

O Estado Novo, período histórico figurado no romance, viveu dias difíceis durante um período crítico não só para Portugal, como também para o resto do mundo. A Segunda Guerra Mundial colocou em xeque a política salazarista de não

se envolver nesta briga, buscando sempre a neutralidade, o que, se foi possível em alguns termos, não impediu que os ecos do conflito chegassem ao país.

Por conta de sua posição geográfica, facilidade de navegação para as Américas, entre outras questões, Portugal foi eleito como destino para imigrantes que buscavam se refugiar dos centros de ações da guerra. Assim, a presença de muitos estrangeiros pode ser sentida no país, o que não agradava o ditador, visto que havia enrijecido fortemente os critérios de entrada no país, por meio da já mencionada circular, que impunha critérios religiosos e raciais para a entrada no país. Não se tratava de um ato essencialmente motivado por preconceito; consistia, mais efetivamente, numa medida que buscava blindar Portugal contra as implicações da guerra.

Mas tais políticas não foram suficientes, pois, como relata Lochery (2012, p. 54), “Lisboa era o gargalo da Europa, a última porteira aberta de um campo de concentração que se estendia sobre a maior parte do continente [...] de fato, cobria todo o alfabeto, desde austríacos monarquistas até sionistas judeus” e, enquanto judeus e outros perseguidos pelos nazistas viam Portugal como a única salvação, sul-americanos e africanos enxergavam o país como uma boa oportunidade de crescimento, pela baixa qualidade do futebol português, quadro sinalizado no romance de Correia, por exemplo, com os atletas argentinos.

Fazendo transitar esse panorama para o romance **Desporto-Rei**, é importante não perder de vista que os acontecimentos apresentados sempre são feitos mediante um ponto de vista, filtrado pela ficção. É preciso compreender-se, por exemplo, que, na construção de uma personagem ficcional, segundo Rosenfeld (2005, p. 15), todos os contextos objectuais são projetados intencionalmente, fator que insere a figuração da História num plano maior — o da Literatura.

Desse modo, à luz dos estudos de Bal (1998) acerca da estrutura narrativa, vê-se que a construção das personagens que fazem menção ao período histórico de desenvolvimento do futebol se faz por meio de diferentes focalizações, o que, certamente, possui um significado específico.

Jogadores de “reserva” em Buenos Aires, empreenderam uma aventureira incursão à velha Europa, por no Sul das Américas correr fama de no velho continente se jogar mau futebol. Assim, os dois rapazes, sem cotação desportiva no seu país, tentaram o que tantos futebolistas sul-americanos empreendiam todos os anos, tocados pelo espírito de negócio e aventura. (CORREIA, 1955, p. 33.)

Os jogadores estrangeiros — a dupla de platenses — são descritos por meio de uma focalização externa; o próprio narrador lança mão de adjetivos que os desqualificam, ao ressaltar que não passavam de “jogadores de reserva” em seu país, o que indica um caráter de interesse financeiro em sua ida a Portugal para praticar o futebol, quando diz que foram “tocados pelo espírito de negócio e aventura”. Mesmo no decorrer do romance, quase nada se saberá o que vai em seu íntimo, correspondendo a personagens de pouca profundidade. O fato de os argentinos, em seu próprio país, estarem num segundo escalão denota, também, o atraso então vivido no futebol português.

Em seu estudo sobre a personagem do gênero romance, Candido (2005. p. 56) conclui que as informações que conhecemos de um ser têm, sempre, o estatuto de incompletas; é o que ele chama de conhecimento fragmentário. Quando um romancista aborda personagens desse modo, retoma a insatisfação que temos na vida com o conhecimento dos nossos semelhantes, mas tal insatisfação é imanente à nossa própria experiência de vida. Quando isso é feito em um romance, deve-se ter em conta que tal se operou de maneira racional, delimitando e encerrando o que deve ser conhecido pelo outro. Assim sendo, aponta-se, de certo modo, para a visão de mundo do autor.

Porém, quando a focalização é interna, percebe-se que a visão pode variar em decorrência de alguns fatores. Retornando ao plano histórico, e conforme aponta Serrado (2009), era necessária a recorrência da inclusão não só de jogadores, mas também de técnicos, pois, por conta do retardo na profissionalização do futebol português, a qualidade técnica em território luso era escassa.

O técnico do Vila Clara Futebol Clube é um austríaco, chamado de Mister Reiner³, que, por sua vez, ao estar diante do seu elenco na semana da partida decisiva, quando se saberia se o clube iria ou não para a primeira divisão, reconhece que, de fato, os jogadores locais não possuem a qualidade devida, colocando sua esperança nos estrangeiros argentinos, antes descritos como aventureiros e jogadores de reserva, e em Amílcar, a estrela portuguesa: o jovem local que era considerado por todos como o melhor jogador do time. A exposição

³ Mister é a forma de tratamento dada a treinadores de futebol em Portugal — até hoje. Com a entrada de jogadores que, naturalmente, vinham de fora do país para jogar futebol, alguns termos estrangeiros eram adicionados ao vocabulário.

daquilo que pensa o diretor técnico lhe confere maior profundidade e, por isso, possibilidades.

Sabia que estava perante uma fraca matéria-prima, um onze mesclado de veteranos e novatos, tudo posto a funcionar num golpe aventureiro da nova gerência. Salvo o extraordinário rapazito loiro, que alinhava a avançado-centro, e a asa esquerda, composta pelos dois argentinos, os restantes eram “umas coisas reles e usadas que para ali andavam a governar a vida”. (CORREIA, 1955, p. 17.)

Por meio da personagem Amílcar, é pretensiosamente defendida a causa dos jogadores locais. Ao julgarem que os estrangeiros possuíam uma técnica mais apurada e avançada, visto que, em seus respectivos países, o futebol já havia sido profissionalizado há algum tempo, os dirigentes pagavam aos portugueses um salário menor, mesmo que alcançassem um maior destaque.

Estou farto de fazer fretes! Sou meio *team*, esfolo-me durante hora e meia, meto as bolas... Há um ano para cá até chamam ao clube o Amílcar Futebol – e, no fim do mês, ganho uma miséria! Sim, a porcaria dum conto e quinhentos! E, mais enfurecido, diria: — Quanto pagam as pilecas dos argentinos? Quanto ganha a carroça do lixo do Justo? Qual é o ordenado desse preto que foi recebido na vila como um rei? (CORREIA, 1955, p. 24.)

Em sua própria voz, na remissão feita pelo narrador, o artilheiro e o ídolo da torcida, Amílcar, manifesta a sua contrariedade quanto ao *status* que lhe cabe no time: é o jogador mais importante, mas um dos que recebem os salários mais baixos. O jovem vem a chamar a atenção de um clube maior, que oferece ao seu clube de origem, o Vila Clara, bem mais do que recebe. Mas não há interesse em vendê-lo. A informação chega aos ouvidos da mãe do jogador, ela que, pouco tempo depois, faz com que o avançado fique ciente de quanto merece receber, por meio de intrigas familiares.

Em Portugal, as transferências de jogadores, mesmo que timidamente, começaram na década de 1940. Tal prática, no romance, aparece já como consolidada. No trecho que segue, bem mais adiantado no romance, a revolta do atacante é descrita internamente, por ele mesmo e por sua mãe, elevando o grau de insatisfação pelas injustiças do julgamento prévio de qualidade, pois tinha consciência de receber menos que os estrangeiros.

Eu já descobri quanto ganham os argentinos... Maravilhado pela revelação, o ruço sorriu, ansioso: — Quanto? Diga, mãe! E a velha Balbina deu uma nova tonalidade a voz: — Seis... Seis continhos cada um! – Palpite! – Fez o avançado-centro, pasmado. – Cambada! Eu fuço, meto golos, chamam à linha o Amílcar Futebol Clube e... – Recebes um conto e quinhentos por mês! – Concluiu ela, radiante pela sua proeza. (CORREIA, 1955, p. 138.)

A mãe dele, por sua vez, tinha um motivo a mais para a sua indignação:

O seu rancor ao Vila Clara e às sucessivas gerências vinha-lhe do tempo do marido. Chico Pechincha, o futebolista célebre, que todos recordavam com saudade, não passara de um péssimo chefe de família. Ingénuo e desinteressado até ao sacrifício, arriscara a saúde e o governo do lar numa época em que havia mais gente para jogar futebol do que para assistir... (CORREIA, 1955, p. 46.)

Com todos os contratempos contra que o desenvolvimento do futebol português teve de lidar, ainda assim, marcou sua importância em território lusitano; no caso do romance, com a produção de um jogador destaque. O estudo de Nunes e Valério (1996) revela que, de fato, houve clubes fundados durante o período de institucionalização do futebol português, que é o cenário apontado por Correia no livro. Porém a grande maioria dos clubes foi fundada entre o final do século XIX e o início do XX, mesmo com vários rechaços promovidos pelo Estado. Serrado (2009) aponta que, no período de proliferação do futebol, eram pouquíssimos os jogadores que podiam se manter e, assim sustentar suas famílias por meio do esporte. Situação que piora com a determinação oficial do amadorismo do futebol no país luso. Diante disso,

[...] no quadro da mentalidade desportiva portuguesa, os futebolistas tinham de, simultaneamente, jogar futebol e de ter seu emprego (que era o que lhes dava segurança e sustento), o que fazia da prática da modalidade, mesmo sendo em alguns (poucos) casos bem paga, uma coisa a *part-time*. (SERRADO, 2009, p.46-47.)

Assim, não só Amílcar, como sua família representam o mundo que, mesmo com toda a precariedade do desporto, já havia quem se dedicasse integralmente à sua prática, como foi o caso do pai do jovem atacante, que, por militar exclusivamente no futebol, se converteu em um mau marido, pois não pôde sustentar devidamente a sua família.

Mais uma vez recorrendo a Bal (1998, p. 48) para tratar da estrutura da narrativa, percebe-se que uma crise não é apenas composta apenas pelo resumo ou descrição de atos destacados, mas também pelas memórias; não se limitando ao passado, podendo nos legar referências também ao futuro. Diante disso, observa-se que as importantes tensões da narrativa convergem neste sentido: as memórias de um passado ruim vivido pelas personagens influenciam as suas ações presentes e, como será visto adiante, as suas projeções de futuro.

Ainda quanto às incertezas da vida futebolística e o seu sustento, Correia, com seu filtro ficcional, constrói a personagem Guilherme, um dos jovens jogadores do Vila Clara, que possui um diferencial: estava prestes a ter um curso superior.

Guilherme removeu a má criação do companheiro, e pensou que o futuro de Amílcar talvez estivesse à vista, ali, naquela sala, em dois exemplos... Há uma dezena de ano não tinham sido Justo e Belarmino dois magníficos futebolistas, insubstituíveis na turma representativa do País? Justo, o defesa-central que defrontara a Espanha, a França, a Itália, a Irlanda... Belarmino, um meia-direita possuidor de um fôlego de gato, tão precioso no ataque como na defesa. “Fui o melhor jogador em campo contra a Alemanha” – era, agora, o seu título de orgulho, que repetira com frequência, em altos gritos, quando se embriagava nos tascos de Vila Clara. Ambos alinharam pelo maiores clubes e, agora, governavam a vida, ali, naquele clubeco da província. Mas abundavam os exemplos de grandes jogadores que, sem outra profissão que não fosse a do futebol, à qual deviam tudo, haviam entrado na decadência e desciam hoje para a 2.^a Divisão, amanhã para a 3.^a... (CORREIA, 1955, p. 26-27.)

A narração, lançando mão do recurso da onisciência, adentra os pensamentos do futebolista que, além de se mostrar preocupado com o futuro do companheiro, percebe a insatisfação vivida por quem se dedicara toda a vida ao futebol, não recebendo no futuro a recompensa esperada, a exemplo do Justo, que “Fora alguém, e, agora, lutava para viver com decência”. (CORREIA, 1955, p. 20)

Mister Reiner é a representação do que se pode chamar de um peregrino ou exilado, que desembocou numa crise de refugiados, creditada, em grande parte, ao cônsul de Portugal em Bordeaux, Aristides de Sousa Mendes. Basicamente, o cônsul, ao se compadecer da caótica situação dos judeus e também de não judeus, à beira de se enviarem a um campo de concentração, devido ao avanço de tropas nazistas na França, resolveu desconsiderar os critérios impostos por Salazar e pelo ministério das relações exteriores em relação a quem poderia entrar ou não em Portugal, que pretendia barrar a entrada de judeus, por medo de retaliações nazistas. Algumas estimativas chegam a apontar que Aristides de Sousa Mendes, compelido por seu sentimento humanitário tenha concedido cerca de 30 mil vistos, o que causou revolta em Salazar, que, após isso, destituiu o cônsul do cargo. Nesse sentido, a narração do fragmento a seguir, ao focalizar o austríaco Reiner, utiliza-o para apontar a situação de insegurança dos estrangeiros judeus em terras lusas.

Mister Reiner acabara nesse instante de escrever uma carta para Viena, em que relatava seus vagos planos quanto ao futuro... Antigo extrema-direito do famoso agrupamento do First de Viena, Jacob Reiner alinhara vinte vezes pela equipa nacional austríaca, antes da anexação hitleriana. Depois, fora o exílio, com o espírito torturado pelas novas que chegavam de entes queridos desaparecidos misteriosamente... (CORREIA, 1955, p. 18.)

O treinador, com as lembranças sombrias de seu passado, principalmente quando parte de seu país por conta da anexação hitleriana, mesmo sendo possuidor da qualidades que eram características dos estrangeiros, o austríaco não quis firmar um compromisso longo com o clube. Com isso, a eleição dos momentos de diálogos e descrições feitas pelo austríaco ou pelo narrador, que o caracterizam, fornece a chave desta personagem de **Desporto-Rei**, construída sob a imagem da insegurança.

O presidente do conselho técnico, um tal Procópio Cabral, com quem entabulara negociações num hotel lisboeta, propusera-lhe um contrato por dois anos, mas o austríaco não se comprometera por tão longo período e o acordo ficara limitado a seis meses, pois ele não sabia ainda o rumo a tomar nesta velha e dividida Europa. (CORREIA, 1955, p.19.)

Mesmo com ameaças alemãs, Salazar não impôs nenhuma medida severa contra os judeus que entraram no país. Quando alguns deles não conseguiam partir, ele fez com que fossem levados a áreas turísticas que, por não serem muito procuradas, tinham espaço suficiente para abrigá-los e não eram maltratados. Mas país não podia fazer nada além, visto que não recebia ajuda de fora. Assim, pode-se concluir que os atos de Salazar mediante os judeus eram mais por interesses econômicos do que por antissemitismo por parte do ditador. Em linhas gerais, Portugal não tinha dinheiro para si mesmo e precisava se proteger.

Dessa maneira, as políticas protecionistas de Salazar, quer sejam em torno da Segunda Guerra, quer sejam dos seus ideais de desporto e civilidade, influenciaram no desenvolvimento do futebol como esporte profissional.

No desenvolvimento da fábula, o Vila Clara não logra o seu objetivo de chegar à primeira divisão. Com isso, todos os planos são desfeitos, trazendo à tona uma já velha discussão: o abandono dos esportes amadores em troca do futebol profissional. Antes da perda do acesso, a antiga direção do clube, que planejava sua volta, já tinha bem claros os seus objetivos: a reabertura das aulas de ginástica para as crianças e adultos de ambos os sexos; a reorganização das seções de basquetebol e atletismo e, ainda, o maior empreendimento de sempre: a construção da piscina (CORREIA, 1955, p. 170).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aliando os dois fatores de desenvolvimento do romance — a ficção e a história —, é possível entender a condição de **Desporto-Rei** como fonte de conhecimento em relação ao mundo português durante o Estado Novo e sua relação com o esporte — mais especificamente, o futebol, — e com os estrangeiros que habitavam no país. O que também não deixou, muito pelo contrário, de patentear a visão de mundo do escritor, como operário e desportista, que a partir do seu campo de visão, compôs uma narrativa filiada ao Neorrealismo; e, no plano ficcional, personagens que são retratos de uma reação ao que o espaço oferece — a gerência do clube que vê a profissionalização como um momento propício para gerar mais dinheiro, os estrangeiros que veem com bons olhos a maneira como os estrangeiros eram tratados financeiramente pelo clube, e o jovem Amílcar, com sua indignação por receber um menor salário.

Embora reconhecendo o pequeno porte deste artigo e tendo em vista não ter sido possível um maior aprofundamento teórico no que concerne ao tratamento ficcional à elementos históricos, não vejo como absurdo afirmar que **Desporto-Rei** contribui tanto para a ficção, quanto para a história que dá conta, como romance. Romeu Correia, não fugindo do que propôs ao se introduzir nos meios literários, manteve a sua visão denunciadora, apontando para os processos que, além de observar, vivia na pele.

REFERÊNCIAS

BAL, Mieke. **Teoría de la Narrativa**: una introducción a la narratología. Barcelona: Cátedra, 1998.

BENEDITO, Joviana. **Mister na língua portuguesa**. Disponível em: https://app.expresso.pt/opiniao/opiniao_contos_da_ciberavos/mister-na-lingua-portuguesa=f399574. Acesso em 22.12.2018.

CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. In: _____ et al. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 9. Ed. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2006.

CASTANHEIRA, Alexandre. Romeu Correia, um Neorrealista Esquecido. **Nova Síntese**, Lisboa, n. 4, p. 127-136, 2009.

CORREIA, Romeu. **Desporto-Rei**. Lisboa: Clássica, 1955.

_____. **Sábado sem Sol**. Lisboa: Ed. do Autor, 1947.

FLORES, Alexandre M. **Romeu Correia: o homem e o escritor**. Almada: Câmara Municipal de Almada, 1987.

LOCHERY, Neill. **Lisboa 1939-1945: guerra nas sombras**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

NUNES, Ana Bela; VALÉRIO, Nuno. **Contribuição para a História do Futebol em Portugal**. Lisboa: Gabinete de História Económica e Social, 1996.

TORRES, Alexandre. **O movimento Neo-realista em Portugal na sua primeira fase**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983.

WHITE, Hayden. Enredo e Verdade na Escrita da História. In: MALERBA, Jurandir et al. **A História Escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2008.